

AS INSTÂNCIAS DO OBJETO A NO CONTO *UMA GALINHA*, DE CLARICE LISPECTOR

Gustavo Moreira Rocha (UEM-PIC/UEM), Marisa Corrêa Silva (Orientadora), e-mail: mcsilva5@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Linguística, Letras e Artes/Literatura Brasileira

Palavras-chave: Uma Galinha. Objeto a. Objeto de desejo. Materialismo Lacaniano.

Resumo:

Este projeto estuda o modo que o conceito de *objeto a*, de Lacan, é capaz de propor uma nova visão do conto *Uma Galinha*, de Clarice Lispector. O *objeto a* não é o objeto de desejo, mas sim aquilo que é projetado neste objeto: o objeto-causa de desejo. A galinha é, nesse texto, a representação do objeto de desejo, visto que, no decorrer do conto, bota um ovo. Este ovo, que estava dentro da galinha e que, ao ser posto, modifica a relação da família com ela, funciona como metáfora do *objeto a*. Isso se dá porque há uma felicidade momentânea quando *objeto a* é alcançado e, posteriormente, o desejo é projetado em outra coisa. Também lançamos mão da distinção entre Sagrado e Profano proposta por Eliade (1959) a fim de acompanharmos a trajetória do animal não humano do conto.

Introdução

Assumindo que a galinha, e o seu futuro no conto (tornar-se uma refeição saborosa), é o objeto de desejo das personagens, é preciso considerar a influência da maturidade das mesmas, incluindo o fato de haver uma criança, cujo papel será trazer uma certa inocência e otimismo infantis na alteração da relação com a galinha. Partimos da hipótese de que o *objeto a* não seja exatamente idêntico para cada personagem, pois, no seminário 10, *A Angústia*, de Lacan (1962-1963) é apresentado o fato de o *objeto a* ser individual e, mais que isso, o fato de que ele habitará objetos diferentes ao longo do tempo.

Ora, ao botar esse ovo, a galinha se torna a “rainha da casa” e deixa de ser apenas o almoço de domingo. Neste ponto, tornou-se possível trazer, também, o conceito de sagrado e profano, de Mircea Eliade (1959), que consiste no modo em que a galinha é vista, passando por um ciclo profano-sagrado-profano. O profano, aqui, é o fato de ela, enquanto ente (no sentido kantiano do termo), ser praticamente invisível para as personagens, ou seja, sem valor e insignificante. Ao botar o ovo, porém, ela passa a ter relevância por um certo período, sendo vista como um ser empático e que “quer bem” aos personagens humanos, tratada como a rainha da casa e passando pelo sagrado. Para Eliade (1959), sagrado vem da mesma raiz semântica de “separado”, “apartado” das funções cotidianas ligadas à sobrevivência e às ações pragmáticas.

No fim, o tempo passa e ela é morta, voltando a ser apenas um almoço de domingo, num retorno ao *status* profano.

Materiais e métodos

No presente artigo, foram utilizados métodos bibliográficos para fazer a pesquisa, tais quais: *Como ler Lacan* (ŽIŽEK, 2010), *O seminário – livro 10, a angústia* (LACAN 1962-1963). Artigos científicos também foram de extrema importância para a pesquisa: Neiva de Souza Bueno, com seu artigo intitulado *Água Viva (1973)*, de Clarice Lispector: *Crítica Textual, escritura entrelinhar, palavra objetivada* (2017) e Larissa Adams Braga, com *Um olhar sobre a mulher a partir do conto “Uma Galinha”, de Clarice Lispector* (2017) agregaram para a realização deste ensaio teórico. Além disso, foi feita a leitura analítica do conto escolhido como objeto da pesquisa, a ele aplicando-se a conceituação estudada.

Ao iniciarmos a pesquisa, foi-nos proposto entender o conceito de objeto *a* e objeto de desejo, de Lacan. (LACAN, 1961 –1962). Após analisar tal conceito, foi necessário utilizar uma intermediação: Slavoj Žižek. O filósofo e estudioso de Jacques Lacan explicita o conceito de objeto *a*: o *objeto a* “é um neologismo de Lacan, com múltiplos significados. Principalmente designa o objeto-causa de desejo: não diretamente o objeto de desejo, mas aquilo que, no objeto que desejamos, faz com que o desejamos” (ŽIŽEK, 2006, p. 78). Por isso, quando conseguimos nosso objeto de desejo, ficamos felizes momentaneamente, mas logo voltamos a desejar outra coisa (projetamos o *objeto a* num novo objeto de desejo).

Com essas referências, foi possível compreender o conceito de *objeto a* e, em uma tentativa de expandir o assunto dentro do conto escolhido para análise, foram propostas as ideias de Sagrado e de Profano, de acordo com Mircea Eliade (1959). O artigo foi escrito com base nesses conceitos, trazendo uma perspectiva atraente e inovadora para a obra de Clarice Lispector.

Resultados e Discussão

No conto, há inúmeras maneiras de justificar as atitudes tomadas por cada personagem e, conseqüentemente, um desfecho já esperado pelo leitor. Entretanto, é curioso pensar como tais atitudes são sempre justificadas por uma razão individual. Razão esta que pode ser assimilada ao que Lacan chama de distinção entre *objeto a* e objeto de desejo. É possível pensar na hipótese de que a galinha (para ser comida) é o objeto de desejo instituído pelo conto. Ele é o centro do conto. Daí, bota um ovo. É possível pensar também em colocar o ovo como o *objeto a*. Quando a galinha bota, ela se separa do *objeto a*, ou seja, ao botá-lo, a galinha (objeto de desejo) se separa do ovo (*objeto a*). É como se o objeto de desejo tivesse magicamente se aberto e expelido o *objeto a* de dentro de si. Isso faz com que todo mundo fique perplexo e tenha de reavaliar sua relação com a galinha. Ela deixa de ser “galinha de domingo”. Então, quando o “almoço de domingo” bota um ovo, ele passa a ser visto com atenção (“rainha da casa”). Por isso, a relação que a menina cria (ela põe um ovo = ela quer nosso bem), apesar de artificial, soa verdadeira: o objeto de desejo se desfaz do *objeto a*, revelando-se aos olhos de todos. Ao desfazer-se dele, ela deveria deixar de ter importância para a família. Mas Lispector

prefere deixar tudo mais impactante ao fazer a família, momentaneamente, passar a olhar a galinha como se ela fosse um sujeito. Veja as escolhas lexicais verbo: a galinha passa ser “jovem parturiente” e “na fuga, no descanso, quando deu à luz” (aves não dão à luz, parto é um processo de mamíferos) e a “morar” com a família, o pai se preocupa por tê-la feito “correr naquele estado”, como se em vez de uma ave fosse um mamífero – humano? – e grávida. A criança é quem primeiro reinterpreta “o que” é a galinha, ao estabelecer a relação entre um ato natural (botar ovo) e um sentimento de afeto que o conto deixa claro que jamais esteve na galinha.

Fica perceptível no conto que a galinha, por si só, não executa nenhuma ação premeditada, justamente por ser descrita como um ser irracional, ela age como tal. Dessa forma, a Galinha representa um espaço vazio para projeção dos anseios dos próprios personagens sobre ela. Por isso, é possível colocar que o objeto da causa de desejo é direcionado para a Galinha por meio dos desejos dos próprios personagens, a família é quem projeta os anseios da galinha “inconsciente da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família” (LISPECTOR, 2016, p.158).

É importante salientar que o Ovo pode representar o sagrado e/ou o profano a depender da visão do interlocutor, pois esse significante pode atuar em concomitância: “o leitor não tardará a dar-se conta de que o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem” (ELIADE, 1959, p.14). Parte, portanto, da visão e comoção que o objeto causa nos personagens. Já a galinha passa pelos dois eixos, o sagrado e o profano, mas em forma de ciclo.

Neste trecho, o profano (no sentido de algo despido de importância simbólica, não apartado do uso prático cotidiano) é explicitado na forma com que a galinha é vista e também no léxico, como por exemplo, o pronome indefinido “uma” do título, que passa uma ausência de identidade, como se fosse um espaço vazio, no qual o leitor pode, ou não, transferir certo grau de alteridade. O domingo, no conto, sugere a representação, ou a simbologia, de um dia familiar, o que, para nossa personagem principal, é a significação de sua morte. Já o sagrado é construído devido a uma identificação com o animal após botar o ovo, passando essa (falsa) sensação de bons sentimentos. No entanto, ao final do conto, a identificação com o profano volta, quando a galinha, finalmente, vira o almoço da família, retomando esse aspecto de indiferença. Tal recurso é semelhante à alternância entre “normalidade” e “epifania”, constantemente utilizada por Clarice e, em “Uma Galinha”, não é diferente. Esse distanciamento pode acontecer, ou não, de acordo com o grau de leitura e interpretação do leitor. O conto, visto por esse viés, ganha uma relação estrutural de coesão com a obra clariceana. O fato da personagem principal ser um animal não humano (e de ter qualquer antropomorfização cuidadosamente negada pelo texto) cria uma dificuldade de identificação imediata por parte da maioria dos leitores, embora pesquisadores da linha da ecocrítica abordem o tema de modo distinto. É preciso enfatizar que é a família – em especial, pai e filha – que, ao determinar o significado da galinha na relação, promove esta alternância, embora a galinha possua uma certa agência na narrativa (fugir, botar um ovo).

Conclusões

Após a análise, é possível compreender as diferentes perspectivas das personagens no conto. Clarice nos mostra uma família como qualquer outra que, ao se deparar com uma galinha, classificam-na como o almoço de domingo. O pai e a filha, durante o conto, mudam tal perspectiva. Começam a narrativa, enxergando-a como uma posse, como um objeto a ser transformado em alimento, depois, passam a atribuir, à ela, grande valor sentimental e, passado certo tempo, voltam para o primeiro estágio, a insignificância. Outra questão analisada foi a metáfora lacaniana: a galinha é o objeto de desejo das personagens no conto; e o ovo, ao se revelar como *agalma*, como segredo precioso, expelido da galinha, representa o *objeto a*. Tal ação faz a família pensar que a galinha se importa com eles, mas o texto deixa muito clara ao leitor que não se deve fazer uma leitura romantizada da narrativa: a galinha é “apática”, “estúpida”, “tímida” e “livre”, conseqüentemente, não se importa com eles, pois não tem capacidade para isso.

Referências

- LISPECTOR, C. **Clarice Lispector: todos os contos** (2016). Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- LACAN, J. **O seminário, livro 10: a angústia** (1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- ŽIŽEK, S. **Como Ler Lacan** (2006). Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- ELIADE (1959), M. **O Sagrado e o Profano** (1957). São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1992.